

Construindo e  
consolidando  
interfaces

XIII Congresso Internacional da Abralin



# Uma abordagem contextualista para adjetivos subjetivos

Marina Nishimoto Marques  
mnmarques94@gmail.com  
PPGL/UFSCar  
CAPES



# Introdução



- Predicados de gosto pessoal (PGPs) expressam o ponto de vista de um falante, i.e. o seu gosto pessoal (Lasersohn, 2005);
- Exemplos clássicos de PGPs são os adjetivos ‘gostoso’ e ‘divertido’;
- Por expressarem um ponto de vista, os PGPs geram o *faultless disagreement*, um tipo de desacordo no qual, embora um falante negue diretamente o que o outro fala, nenhum dos dois está proferindo algo falso, como mostra o exemplo (1):

(1) Chico: *O auto da compadecida* é divertido.

Zé: Não, *O auto da compadecida* não é divertido.



# Abordagem relativista



- Lasersohn (2005) e Stephenson (2007) são exemplos de propostas relativistas;
- defende que PGPs devem ser relativizados à perspectiva de um indivíduo que serve de juiz à sentença;
- propõe que o índice de juiz seja adicionado ao contexto da sentença para que haja a computação semântica;
- uma sentença como (2a) poderia ser parafraseada como (2b):

(2) a. *O auto da compadecida* é divertido.

b. *O auto da compadecida* é divertido para o falante (ou o juiz) de (2a).



# Abordagem contextualista



- Pearson (2013) propõe uma abordagem para PGPs que não adiciona o juiz à computação semântica;
- ao fazer uma afirmação do tipo “x é P”, sendo P um PGP, o falante generaliza seu gosto para outras pessoas com quem ele se identifica;
- uma sentença como (3a) poderia ser parafraseada como (3b):

(3) a. *O auto da compadecida é divertido.*

b. *O auto da compadecida é divertido para o falante de (3a) e para todos aqueles com quem ele se identifica.*



# Olhando para outros adjetivos subjetivos




- Qual das duas abordagens explica melhor o comportamento desses predicados?
- Silk (2019) apresenta outras categorias de adjetivos que se comportam como PGPs, isso é, que apresentam dependência de perspectiva e geram os fenômenos relacionados a essa propriedade (como, por exemplo, o *faultless disagreement*) – adjetivos estéticos (ex. ‘bonito’), adjetivos morais (ex. ‘errado’) e adjetivos epistêmicos (ex. ‘provável’);
- Olhar para essas outras categorias de adjetivos subjetivos pode trazer mais pistas para decidir qual das abordagens apresentadas lida melhor com predicados dependentes de perspectiva.




# Semelhanças de comportamento entre PGP's e demais adjetivos subjetivos



- Os adjetivos subjetivos (dependentes de perspectiva): (i) geram *faultless disagreement* na forma comparativa e (ii) podem aparecer em forma comparativa na estrutura [achar [DP] [AP]].
- (4a) Mônica: Roubar é mais errado do que piratear.  
Magali: Não, roubar não é mais errado do que piratear.
- (4b) Mônica: A Fofão é mais alta do que a Marta.  
Magali: Não, a Fofão não é mais alta do que a Marta.
- (5) a. Eu acho a vitória do Brasil mais provável do que a vitória do Chile.  
b. ??Eu acho a Fofão mais alta do que a Marta.

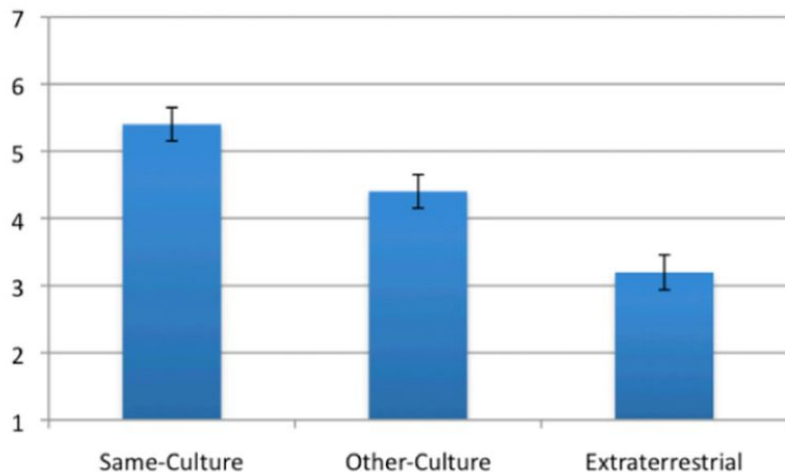


# Desacordos morais e a importância do papel do contexto



- Em um estudo experimental de Khoo e Knobe (2016), os participantes deveriam julgar se os desacordos entre dois falantes que envolviam questões morais eram objetivos (i.e. dado que um falante nega o que o outro fala, um dos dois deve necessariamente estar proferindo algo falso) ou subjetivos (i.e. não é necessário que um dos falantes esteja dizendo algo falso);
- Os dados do experimento mostraram que, quanto mais distantes forem as culturas às quais os falantes pertencem, maior é a chance de que os participantes do experimento julguem o desacordo moral entre eles como subjetivo.


# Desacordos morais e a importância do papel do contexto




**Figure 1.** Mean agreement with the claim that “At least one must be wrong” by condition. Error bars show standard error of the mean.

O gráfico ao lado, tirado de Khoo e Knobe (2016), mostra que mais participantes concordam com a afirmação de que “um dos dois falantes (do desacordo) deve estar errado” quando os falantes são da mesma cultura, enquanto o menor número de concordâncias com essa afirmação se dá em situações nas quais um falante do desacordo é da Terra e o outro é um extraterrestre.





# Desacordos morais e a importância do papel do contexto



- A abordagem de Pearson (2013) é a que mais se adequa para explicar os dados obtidos por Khoo e Knobe (2016), já que ela prevê que, ao proferir sentenças do tipo “x é P”, onde P é um PGP (um adjetivo subjetivo), o falante está generalizando seu ponto de vista para outros indivíduos com quem ele se identifica;
- As abordagens relativistas, por tratarem proferimentos que contêm PGPs como proferimentos sobre o ponto de vista do próprio falante (ou de um indivíduo relevante), não explicariam (caso fossem expandidas para adjetivos morais) por que há essa diferença de comportamento nos desacordos que envolvem questões morais a depender de quem são os falantes desse desacordo.



# Adjetivos epistêmicos



- Outro tipo de adjetivo subjetivo cujo comportamento pode ser melhor explicado pela proposta de Pearson (2013) são os adjetivos epistêmicos;
- Dessa vez, em vez de usarmos a cultura como baliza para sabermos os indivíduos com quem o falante se identifica, poderíamos usar o conhecimento compartilhado pelos indivíduos – ou seja, quanto maior o conhecimento compartilhado entre os falantes, maior a chance de que um desacordo que envolve um adjetivo epistêmico como ‘provável’ seja considerado objetivo.



# Considerações finais



- Stojanovic (2019) argumenta contra tratar predicados de gosto pessoal e outros tipos de adjetivos subjetivos (especificamente, os adjetivos morais) como semelhantes o suficiente para serem tratados por uma mesma abordagem;
- Nesse caso, seria possível afirmar que a abordagem relativista funciona para PGPs mas não funciona para outros tipos de adjetivos subjetivos justamente pela especificidade do comportamento dos PGPs que não se manifesta em outros adjetivos subjetivos;
- No entanto, os dados do PB mostram que há mais semelhanças do que diferenças no comportamento entre PGPs e adjetivos morais:



# Considerações finais



- (6) a. *O auto da compadecida* é divertido para mim.  
b. Piratear é errado para mim.
- (7) a. Muitos críticos acham divertido *O fabuloso destino de Amélie Poulain*.  
b. Muitos médicos acham errado a amputação de pernas voluntária.
- Por fim, também vale notar que há adjetivos como ‘bom’ e ‘ruim’ que podem ser usados tanto para fazer julgamentos de gosto como julgamentos morais (como a própria Stojanovic (2019) nota), o que pode indicar que é preferível uma abordagem que trate essas categorias de adjetivos de forma unificada.



# Referências



- KHOO, J.; KNOBE, J. Moral disagreement and moral semantics. **Noûs**, v. 0, n. 0, p. 1-35, 2016.
- LASERSOHN, P. Context-dependence, disagreement, and predicates of personal taste. **Linguistics and Philosophy**, n. 28, p. 643-686, 2005.
- PEARSON, H. A judge-free semantics for predicates of personal taste. **Journal of Semantics**, n. 30, p. 103-154, 2013.
- SILK, A. Evaluational adjectives. **Philosophy and Phenomenological Research**, n. 0, p. 1-35, 2019.
- STEPHENSON, T. **Towards a theory of subjective meaning**. Tese – Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology, 2007.
- STOJANOVIC, I. Disagreements about taste vs. disagreements about moral issues. **American Philosophical Quarterly**, v. 56, n. 1, p. 29-41, 2019.